



TURISMO ÉTNICO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA NEGROS DO RIACHO (CURRAIS NOVOS/RN)¹

Mayara Ferreira de Farias
Helder Alexandre Medeiros de Macedo
Sheylla de Kassia Silva Galvão

1 INTRODUÇÃO

O turismo pode ser considerado uma atividade cultural, política econômica e, fundamentalmente, social. Além disso, promove um movimento de pessoas que se deslocam de seus locais de residências, utilizando seu tempo livre para conhecer novos lugares, não podendo, por conseguinte, realizar nenhuma função remunerada neste deslocamento (FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

O deslocamento de pessoas por meio da atividade turística permite, não só o conhecimento de novos lugares, novas

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Dr. Helder Alexandre Medeiros de Macedo.



rotas, mas sobretudo o conhecimento de novas realidades sociais, muitas vezes desconhecidas ou compreendidas por uma perspectiva não condizente com a realidade dos moradores daquelas localidades visitadas. Desta forma, o turismo permite a ampliação da cultura geral dos visitantes, bem como a troca de informações e experiências entre os visitados e os visitantes (SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS *et al.*, 2018c; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Outrossim, é uma atividade que envolve dinheiro, tempo, empresas, pessoas, e prestadores de serviços que atendem aos desejos e necessidade dos turistas que venham a usufruir de hotéis, pousadas, restaurantes, parques aquáticos, museus, centros de artesanato, entre outros lugares turísticos.

Parafraseando Farias e Maracajá (2012), o deslocamento de pessoas, além de provocar a geração de vários empregos diretos e indiretos, contribuiu também para ampliar o universo intelectual do turista, a partir do intercâmbio social e cultural que esta atividade pode possibilitar. Ao mesmo tempo, o turismo é uma grande fonte de emprego e renda para uma localidade, envolvendo os mais diversos profissionais (FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019). O sucesso dessa atividade depende, ainda, não só das belezas de um lugar, mas, principalmente, de uma prestação de serviços adequada, da qualidade desses serviços e da hospitalidade de todos os envolvidos.

Segundo Andrade (1997, p. 38) o turismo pode ser entendido como um

Complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento (ANDRADE, 1997, p. 38).

Neste prisma, vale afirmar que as pessoas viajam proporcionando motivações para o crescimento e desenvolvimento da atividade.

Vale destacar, também, que as viagens ocorrem devido a diversas motivações, sejam elas de negócios, de saúde, de intercâmbios culturais, de eventos e de lazer. Neste contexto, o turismo pode ser considerado um sistema, em que os vários serviços disponíveis aos turistas precisam funcionar juntos - como os órgãos de um corpo, para que, assim, o turista seja bem recebido e saia satisfeito ao final da viagem (FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

Beni (2006) pondera que o turismo traz também alguns impactos para um lugar, podendo estes ser positivos ou negativos. Dentre os positivos, o supracitado autor destaca a geração de emprego e renda, por meio do desenvolvimento de equipamentos que objetivam receber pessoas, como pousadas, restaurantes e outros empreendimentos que visem também o bem-estar de todos e a valorização dos costumes e da cultura de um local, baseada no desenvolvimento sustentável da localidade, pois muitos turistas saem de suas residências em busca do “novo”.

Em diagnóstico de trabalho de campo², constatou-se que os moradores da Comunidade Negros do Riacho iam para a cidade de Currais Novos para resolver problemas cotidianos, para ir à feira e na busca por uma vaga nas escolas para matricular seus filhos (SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS *et al.*, 2018c; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019). Ao que concerne aos aspectos geográficos, afirma-se que a vegetação era rasteira, espaço acinzentado, com poucas plantações e criação de gado inexpressiva. A terra era seca e improdutiva, com festividades somente em época de São João e do Padroeiro São Sebastião (SILVA, 2009).

As famílias eram ou muito numerosas ou compostas apenas por duas pessoas, onde a maior parte da renda das mesmas eram obtidas através da produção de carvão vegetal, trabalhos de diaristas em terras vizinhas, aposentadorias, Programas de Governo (Bolsa Escola e Fome Zero), mendicância e da pequena agricultura. Além disso, infere-se que os moradores da cidade

2 Vale inferir que a temática do trabalho foi pensada desde o início da realização da Especialização em questão, tendo sido realizadas quatro visitas de campo em 2014 e duas visitas em 2015. A primeira visita em 2014 foi sozinha, apenas para conhecer a comunidade e observar os autóctones – momento que despertou o interesse em escrever algo sobre a Comunidade enquanto pesquisadora. A segunda visita do mesmo ano foi feita com meus alunos da turma de Guia de Turismo da UFRN/EAJ. A terceira visita ocorreu com os demais alunos desta Especialização e com o professor Helder Macedo (orientador deste trabalho). A quarta visita ocorreu novamente com a turma dos alunos de Guia de Turismo da UFRN/EAJ para que os mesmos fizessem relatos de impressões comparando as duas visitas. A quinta visita, realizada em 2015, foi com um grupo de pessoas (alunos da UFRN e visitantes de outros municípios que participaram do I Simpósio Nacional de Turismo e Pós-modernidade da referida Instituição de Ensino). A sexta e última visita ocorreu também em 2015, quando foram realizadas as entrevistas orais com representante da Associação Comunitária, com o representante dos Projetos desenvolvidos nos Negros do Riacho, com os professores e com os loiceiros.

viam os “negros do Riacho” como ceramistas, que gostam de pedir dinheiro, de beber, praticavam a ociosidade, incesto e tinham desorganização familiar (SILVA, 2009; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019).

Do ponto de vista da história e da identidade, a população residente no Riacho passou por um contínuo processo de exclusão social, sobretudo devido à invisibilidade criada através do discurso que priorizou a colonização portuguesa do Seridó como experiência vencedora e modelar para um tipo ideal de seridoense (MACEDO, 2014; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c).

Pode-se afirmar, ainda, que o turismo vem buscando cada vez mais seu espaço, e tem apresentado um grande crescimento, ainda mais quando se tratam de novas tendências na busca por novos lugares e pessoas (FARIAS *et al.*, 2018c; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019). Como defendido por Leony (2002), é uma atitude perigosa e corajosa ao mesmo tempo, mas é fundamental para basear novos estudos, e elaborar os projetos de planejamentos, ordenamentos e gestões. Percebê-las e defini-las é compor um imenso quebra-cabeça de peças espalhadas por todos os espaços e em todos os tempos.

Neste prisma, a presente pesquisa tem como foco a apreciação das probabilidades de atração turística na Comunidade Quilombola “Negros do Riacho” na cidade de Currais Novos/RN, devido a uma gama de aspectos histórico-culturais da Comunidade referida, que podem ser explorados na atividade turística, ao ponto que ainda não houve algum aproveitamento desses bens culturais para fins turísticos de forma efetiva. O

que existem são visitas pontuais de alunos levados por professores, além da história do local, a qual deve ser lembrada como forma de valorizar, por conseguinte, a história do município onde está localizada (FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019).

Neste sentido, é válido inferir que, a partir do turismo, correntes culturais fluem em direção à região, onde entram em processo de ricocheteamento, gerando novas formas de interações sociais e, principalmente, de identidades sociais em nível local (GRÜNEWALD, 1999a e 1999b).

Além disso, no âmbito desse fluxo transnacional de cultura, observa-se que a organização social do significado é contextual (HANNERZ, 1992), o que gera, localmente e por parte dos diversos agentes envolvidos, múltiplos olhares (interpretações) para práticas ou fenômenos globais. Para Barth (1993), a partir de processos entrecruzados é gerada a vasta cacofonia de vozes, ideias e interpretações discordantes que coexistem numa civilização complexa: um sistema caracteristicamente modelado e desordenado contendo eventos emergentes e mundos discrepantes, num fluxo gerado por processos identificáveis que são, em parte, capazes de ser modelados.

Destarte, uma busca por elementos tradicionais no processo de etnicidade não envolve somente uma postura para o passado, mas para o futuro também, uma vez que há uma seleção do que interessa do passado para objetivos futuros e nesse movimento, tradição torna-se um elemento de uma escolha e deve ser aceito como parte da autodefinição de um povo (ROOSENS, 1989).

O turismo é um fenômeno muito complexo, não só por se apresentar quantitativamente com uma das maiores (se

não a maior) indústrias do mundo, mas principalmente por uma enorme diversidade de objetivos programáticos, além dos aspectos subjetivos que perpassam todos os relacionamentos envolvidos nas suas múltiplas facetas, a antropologia do turismo não se apresenta como homogênea em sua abordagem, mas muito diversificada internamente na medida em que se constrói sob uma miríade de objetos temáticos (GRÜNEWALD, 2003).

Neste sentido, o turismo cultural é, pois, enquadrado como um turismo quase histórico, enquanto o turismo étnico seria cercado de atividades típicas e exóticas, onde a autenticidade e ancestralidade operariam um papel de destaque (LAC, 2010). O que Santana Talavera (2003) defende é que o turismo étnico tem um toque a mais de pitoresco, com certa excentricidade.

Graburn (1984) parece supor que nas construções de identidade, entre essas populações do Quarto Mundo, há uma renovação de tradições arcaicas. Em tais processos, os símbolos de identidade podem ser emprestados, roubados ou mesmo trocados. Grupos podem desejar realçar seu prestígio aos seus próprios olhos ou ao dos outros ao aceitar materiais, símbolos e insígnias de outros grupos como se um poder mágico pudesse passar por imitação.

De fato, seria difícil selecionar qualquer cultura ou subgrupo cujos símbolos culturais fossem totalmente de sua própria criação ou de sua própria história. Além disso, tais identidades emprestadas são frequentemente úteis ou funcionais num mundo onde velhos grupos são degradados ou novas categorias e etnicidades estão sendo criadas (FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

Graburn (1984) argumenta, ainda, que com o aumento de viagens e comunicações mundiais, não apenas os povos são

vistos diretamente por estrangeiros visitantes, mas também seus artefatos têm penetrado nos confins do mundo e esses artefatos procuram passar uma imagem das identidades construídas por essas minorias.

Neste prisma, Beni (2006) destaca que o Turismo Cultural se refere à afluência de turistas, a núcleos receptores, os quais têm como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas, representados a partir do patrimônio e do acervo cultural. Outrossim, Cardozo (2006) infere que o turismo étnico é aquele relacionado às experiências turísticas, cujo atrativo seja a cultura de uma comunidade que se construiu e se representa fora das culturas centrais ocidental, independentemente de essa comunidade ser autóctone ou transplantada.

O turismo cultural pode ser conceituado, conforme Barretto (2003, p. 19), como sendo “todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana”. Além disso, as representações culturais dos grupos étnicos que exerceriam poder de atração de turistas seriam aquelas que mais fortemente expressariam identidades: arquitetura, artesanato, festividades, gastronomia, vestimenta, dança e música e outras manifestações relacionadas ao dia a dia do grupo e, que possam servir para delimitar sua fronteira étnica, passível de fruição turística (CARDOZO, 2006).

Em outra perspectiva, temos o turismo cultural sustentável que é, por conseguinte, aquele que se usufrui no presente sem que esse consumo reduza a possibilidade de que as próximas gerações façam o mesmo, constituindo-se em uma excelente alternativa para gerar riqueza, empregos e distribuição de renda; promove o patrimônio e as manifestações culturais locais, elevando a autoestima dos habitantes da comunidade e reforçando sua identidade (REIS, 2007).

Apontando nessa direção como novas alternativas e possibilidades, esse fenômeno tem se refletido também na oferta de um subsegmento do Turismo Cultural, de natureza peculiar –de herança cultural, de legado étnico, de raízes –, atraindo a atenção do turismo em vários lugares do mundo (QUEIROZ, 2008). Nesta perspectiva, a atividade turística preocupa-se, também, com o desenvolvimento local, em que seja possível a manutenção sustentável dos elementos turísticos a fim de que possam ser explorados (SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS *et al.*, 2018c; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Assim, vale ressaltar que

só haverá verdadeiro desenvolvimento, que não se deve confundir com crescimento econômico, no mais das vezes resultado de mera modernização das elites – ali onde existir um projeto social subjacente (FURTADO, 2000 *apud* SACHS, 2004, p. 4).

Almeida (2002) destaca, por conseguinte, que a noção de sustentabilidade pode ser melhor entendida quando atribuímos um sentido amplo à palavra sobrevivência. Além disso, infere-se que o desafio da sobrevivência sempre dominou o ser humano. Inicialmente, no enfrentamento dos elementos naturais; e mais tarde, sobretudo agora no Século XXI, no enfrentamento das consequências trazidas pelo imenso poder de transformação desses elementos acumulados pelo homem.

Desta forma, ressalta-se que o desenvolvimento econômico do turismo pode ser viável e constitui a maioria dos objetivos dos planos local, regional e nacional, apesar de seus impactos serem praticamente inevitáveis, o que demonstra a

necessidade de empreender planos que considerem a sustentabilidade da atividade (FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019).

Contudo, toda e qualquer proposta de desenvolvimento econômico somente terá razão se houver garantias para sustentabilidade em seus diversos enfoques e abrangências, e o turismo pode ser uma das alternativas para contribuir com a minimização dos problemas de esgotamento ambiental. Assim, o desenvolvimento local baseado no turismo sustentável envolve, portanto, relações bastante complexas e só poderá ser concretizado se forem levadas em consideração as diversas dimensões da realidade de uma dada região (OLIVEIRA; RICCO, 2013).

Com isso, destaca-se a presente questão-problema: Como pode ser promovido o desenvolvimento e implementação de um turismo étnico na Comunidade Quilombola “Negros do Riacho” no município de Currais Novos/RN?

Assim, o objetivo geral da pesquisa consistiu em: propor a implementação de um Turismo Étnico e um consequente desenvolvimento do turismo de base local na Comunidade Quilombola “Negros do Riacho”. Como objetivos específicos elencaram-se: historiar sobre a comunidade sob a ótica dos autóctones³; levantar as potencialidades turísticas a serem desenvolvidas; avaliar as potencialidades turísticas a ser desenvolvidas no local.

Para isso, escolheram-se os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica e documental; entrevistas escritas; discurso do sujeito coletivo; realização de entrevistas

3 Termo bastante utilizado nos textos específicos de Turismo para se referir a pessoas que moram/residem no local referido. Aquele que é natural de uma dada região/lugar.

orais que contemplaram as histórias de vida e a situação dos nossos interlocutores, em particular os afrodescendentes⁴; Análise *SWOT*; trabalho de campo e aplicação de formulário de entrevistas, com utilização de observação direta, individual e participante, possuindo, por conseguinte, base descritiva e caráter exploratório, tratando-se de uma pesquisa qualitativa.

Vislumbrou-se, assim, a possibilidade de prática turística na Comunidade Quilombola Negros do Riacho, na zona Rural da cidade de Currais Novos, Estado do Rio Grande do Norte. Sob a perspectiva do turismo cultural como novas tendências e das discussões sobre etnicidade⁵. Conjeturou-se a provável inserção da Comunidade nos roteiros turísticos que tomem o interior do estado do Rio Grande do Norte.

Como relevância acadêmica do presente trabalho, destaca-se o fato de servir como possível fonte de pesquisa para estudantes que tenham o interesse na temática e em estudos realizados em Comunidades Quilombolas, sendo referência para estudos futuros de aprofundamento acadêmico.

Como relevância social, ressalta-se que a comunidade terá o material disponibilizado para o acervo do centro cultural

4 Termo usado para designar para designar todos os negros presentes na diáspora. Evidentemente tal terminologia suscitou e continua suscitando acalorados debates. De certo modo, trata-se de formas de apropriação do termo numa perspectiva de poder. Existem em tal concepção terminológica diferenciados aspectos ideológicos. Para alguns, não passa de um discurso de manipulação política. Outros, entretanto, veem o termo como forma de fortalecimento de identidade. Agrega-se a essa compreensão terminológica o reconhecimento da situação vivenciada pelos descendentes africanos (ROCHA, 2010).

5 Etnicidade é o conjunto de características comuns a um grupo de pessoas, que as diferenciem de outro grupo. Normalmente essas características incluem a língua, cultura e também a noção de uma origem comum (GRÜNEWALD, 2003).

da comunidade, podendo ser fonte para leituras e de ações para aplicabilidade em ações futuras de melhoria da qualidade de vida de seus integrantes, podendo influenciar na implementação de políticas públicas de desenvolvimento e fomento do turismo e da cultura em Comunidades Quilombolas.

2 TURISMO DE BASE LOCAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A partir da segunda metade do século XX, o deslocamento turístico se popularizou em função do desenvolvimento tecnológico, aumento do tempo livre e prosperidade econômica dos países do hemisfério norte, permitindo que os turistas alcançassem lugares mais distantes e entrassem em contato com comunidades tradicionais, diante disso, o turismo passa a se configurar como uma atividade econômica em potencial para essas populações (FORTUNATO; SILVA, 2011).

Contudo, é relevante ressaltar que os benefícios econômicos provenientes da atividade turística nem sempre são suficientes para proporcionar às comunidades receptoras melhorias na sua condição de vida (CORIOLANO, 2009; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

Uma alternativa capaz de proporcionar a possibilidade de desenvolvimento endógeno e inclusão das comunidades receptoras é o chamado turismo comunitário, que surge como uma resposta à lógica dominante da massificação e da elitização do turismo em nível mundial (ZAOUAL, 2009).

O surgimento desse tipo de turismo remonta à década de 1980, devido à necessidade de diversificação dos destinos

turísticos em face à exigência de uma demanda a procura de novas modalidades de turismo, dentre as quais se destacam o turismo cultural e o turismo de natureza. Assim, o mercado turístico passou a pressionar as comunidades residentes em locais com rico patrimônio natural e que possuem manifestações culturais únicas, no sentido de transformá-los em produtos viáveis (FORTUNATO; SILVA, 2011; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS *et al.*, 2018c; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Neste contexto, afirma-se que, em contraponto a um turismo de massas surgem novas formas de gestão da atividade turística que têm como princípios respeitar as capacidades de absorção dos espaços de recepção, em termos naturais, culturais e sociais, promovendo a conservação dos recursos locais, físicos e humanos. São formas de gestão de um turismo alternativo – ou tomado como turismo de base local ou comunitária – caracterizando-se como uma mediação possível de dinamizar a economia dessas comunidades, e trazer essa população para participar ativamente dessa atividade (OLIVEIRA; RICCO, 2013).

Coriolano (2009) sinaliza, por conseguinte, que as atividades turísticas comunitárias são associadas às demais atividades econômicas, com iniciativas que fortalecem a agricultura, a pesca e o artesanato, tornando estas atividades preexistentes ao turismo sustentável. Prioriza a geração de trabalho para os residentes, os pequenos empreendimentos locais, a dinamização do capital local, a garantia da participação de todos, dando espaço também as mulheres e aos jovens.

Portanto, a partir do envolvimento comunitário, o turismo possui grande potencial de promover o desenvolvimento local de um território específico (FORTUNATO; SILVA, 2011). Tal como enfatiza Tenório (2007), o desenvolvimento local

procura reforçar a potencialidade do território mediante ações endógenas, articuladas pelos seus diferentes atores: sociedade civil, poder público e mercado. Além disso, é válido destacar que a estruturação das propostas é realizada através dos atores locais, diferente de processos anteriores em que o planejamento tinha como principal característica a centralização das decisões (FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019).

O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento. Este tipo de turismo representa, ainda, a interpretação local do turismo, frente às projeções de demandas e de cenários do grupo social do destino, tendo como pano de fundo a dinâmica do mundo globalizado, mas não as imposições da globalização (IRVING, 2009).

3 TURISMO ÉTNICO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Parafraseando Salgado e Santos (2012), pode-se afirmar que, complexa e, por vezes contraditória, a rede do turismo amplia em várias regiões do mundo importantes reflexões sobre a condição dos lugares e das pessoas que participam direta ou indiretamente de seu processo constitutivo enquanto atividade socioeconômica e culturalmente *geografizada*, produtora de novos espaços e novas dinâmicas.

Em meio às contradições de seu processo histórico e geográfico, ora suscita um caráter fetichista, massificante, agressivo e produtor de dependência, ora se evidencia a partir de complexos movimentos que destacam processos socioculturais inovadores, responsáveis e inteligentes anunciados sustentáveis (SANTOS; SALGADO, 2012; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

Nesta perspectiva, verifica-se, ainda, uma forte tendência, mobilização e articulação acerca do turismo em Comunidades Quilombolas. Além disso, o histórico quilombola no país está imerso num movimento de dinâmicas geográficas territoriais de onde se evidenciam processos de segregação espacial e racial, exclusão social, desqualificação histórica e, fragmentação da diferença (SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS *et al.*, 2018c; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Da mesma forma, é marcado por dinâmicas de existência étnico-racial, lutas de reintegração e acesso à terra, reconhecimento de direitos, reconhecimento e valorização de ancestralidades, expressões culturais afro-brasileiras, representações e modos de vida, processos de auto identificação, resgate identitário e enfrentamento ideológico.

Para Smith (1989), o Turismo, em termos de lazer e preferência do turista, poderia ser classificado em cinco tipos: Turismo étnico: aquele em que comercializa costumes curiosos e típicos de povos exóticos. Entre as atividades que poderiam estimular esse tipo de turismo, Smith cita: visita a casas e aldeias, espetáculos de dança, cerimônias típicas e ainda aquisição de produtos típicos. Turismo cultural: aquele que inclui o pitoresco ou a cor local, os vestígios de uma vida em processo

de extinção que permanece na memória humana. Entre as atividades que poderiam estimular esse tipo de turismo, a autora cita: refeições em pousadas típicas, espetáculos folclóricos, e outros que remetam à vida no campo. Turismo histórico: o que inclui museus, catedrais e outras cidades e/ou atrativos de especial interesse histórico. Turismo ambiental: segundo a autora, esse estaria relacionado ao turismo étnico, pois atrairia uma demanda seleta até regiões remotas, e também ao desejo de aprender, e de vivenciar experiências novas, interagindo com o meio. Turismo recreativo: destinado aos que querem descansar e entrar em contato com a Natureza, mas mediante a prática de esportes, atividades na água e alimentação.

Dentro desses interesses e motivações, o mercado turístico e a academia estudam diversas possibilidades para a atividade. Algumas dessas possibilidades são consideradas pelos especialistas, como seria o caso da cultura e da etnicidade no turismo (CARDOZO, 2006; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019).

Etnicidades são fenômenos sociais que refletem as tendências positivas de identificação e inclusão de certos indivíduos em um grupo étnico. A distintividade dessa identidade, para caracterizar um grupo étnico, deve se remeter a noções de origem, história, cultura e, até, de raça (GRÜNEWALD, 2003).

Originalmente, destacaram-se duas perspectivas teóricas para se abordar e definir os grupos étnicos: uma essencialista, que se debruçava sobre a substância do patrimônio cultural e histórico das populações para perceber sua instintividade étnica, e outra, mais construtivista, que, focando as interações sociais entre as sociedades, notava suas fronteiras, que eram o que, efetivamente, definiria os limites do grupo étnico,

independentemente se os traços de cultura ou raça fossem compartilhados com as sociedades vizinhas (GRÜNEWALD, 2003; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

Esta segunda tendência é a que recebeu maior notabilidade. Mas deve-se fazer uma ressalva ao dizer que, se a antropologia focaliza a interação social que cria as fronteiras étnicas, para os membros desses grupos o discurso étnico ressalta, na maioria dos casos, os conteúdos de sua origem, história, cultura ou raça – mesmo que esses sejam criados no presente para fins de auto representação ou de representação para os outros (GRÜNEWALD, 2003).

A questão da autenticidade é um tema muito discutido no campo do turismo, pois o autêntico desperta crescente desejo e procura por parte dos turistas. Sendo o turismo comunitário indígena um encontro étnico, ele remete diretamente a essa questão, tratada de modos variados por diferentes autores (FORTUNATO; SILVA, 2011).

Chambers (2000) mostra que o rótulo “turismo étnico” tem sido usado para se referir a atividades que engajam os turistas na experiência de eventos e situações culturais que são distintas da sua própria. Através de alguns exemplos, ressalta como turismo focalizado sobre base da etnicidade provê interessantes exemplos de como diferentes indicadores e símbolos de status étnico podem ser negociados.

De uma maneira geral, o turismo étnico pode ser percebido sob duas perspectivas: uma voltando-se para o que se busca no turismo, e, no caso, o nativo seria o foco da viagem. E outra em ver o turismo étnico pelo que o turista vê durante a visitação. Talvez, se possa contra-argumentar dizendo que toda

visitação a outra nação já admitiria o fato do turismo étnico (FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019). Mas, o que deve estar para defini-lo é o movimento de construir uma etnicidade específica para exibição na arena turística (GRÜNEWALD, 2003), pois o turista pode ver o que foi visitado como algo pitoresco ou ilustrativo do local sem, necessariamente, acessar os conceitos de etnicidade e cultura.

Pode-se inferir, ainda, que as relações interculturais, caracterizada pela ideia de autenticidade, ganha grande relevância na medida em que configuram novas alternativas econômicas para as comunidades indígenas visando o fortalecimento da sua identidade. Deste modo, a cultura torna-se um bem econômico para o desenvolvimento local por meio do turismo (AZEVEDO, 2002; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Além disso, devido a essas características intrínsecas, várias comunidades que residem nesses locais, têm no turismo uma alternativa econômica e possibilidade de inserção no mercado, criando produtos autênticos em função de seus atributos únicos (FORTUNATO; SILVA, 2011; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

O turismo de base local como mecanismo efetivo dos desenvolvimentos local, regional e de ocupação do território assume, pois, o papel de protagonista e se torna um elemento norteador pela melhoria da qualidade de vida das populações em localidades afetadas pelo fenômeno turístico, cuja participação de outros atores se torna essencial para esse desenvolvimento (OLIVEIRA; RICCO, 2013; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Bahl (2004) coloca que a existência em si do legado étnico não configuraria, ao menos preliminarmente, um atrativo turístico, mas que deve ser tratado como marcas de etnicidade com significação para a comunidade receptora, e indicada como

potencial atrativo. Para tratá-lo como um atrativo, propriamente dito, outras condições devem ser também atendidas: acesso, e facilidade. O referido autor compreende a diversidade étnica, advinda das imigrações, no Brasil, como potencialidade turística, pois, segundo ele, no processo de integração que cada grupo teve ao chegar ao país, trouxe consigo contribuições que, com o passar do tempo, fizeram parte da vida brasileira deixando marcas indelévels.

Destaca-se, ainda, que os membros de comunidades étnicas podem se inserir em atividades turísticas, formando, junto com outros membros da comunidade étnica e outros que não o são, comunidades turísticas, que existem concretamente e cujas fronteiras podem ser bem mais amplas tanto do que as da arena turística, onde se desenvolve a experiência turística, quanto do que a da comunidade étnica. Mas se há uma etnicidade que é elaborada nessa arena e visando os recursos turísticos, há então uma experiência de turismo étnico. Os membros da comunidade étnica envolvidos nesse processo e mais todos aqueles de fora da comunidade, mas que também estão envolvidos nessa promoção do turismo étnico forma toda a comunidade etnoturística. Todas essas esferas são autênticas e legítimas em suas especificidades (GRÜNEWALD, 2003; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

O turismo étnico ou o turismo baseado no legado étnico vem se afirmando como uma alternativa frente ao turismo massificado, no qual predomina o consumo desenfreado das culturas locais. Sob o paradigma da diversidade cultural e da pluriétnicidade, os turistas culturais apresentam-se como grupos de consumidores interessados na vivência cultural no âmbito de comunidades remanescentes de etnias específicas, ou naquelas em que predomina a representação do legado cultural

herdado ao longo de processos históricos e sociais e reinterpretado no presente sob novas significações (SILVA; CARVALHO, 2010; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Conforme Brasil (2007, p. 13), “o turismo étnico é a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade dos grupos étnicos”. Já para Beni (2006), no turismo étnico, os grupos se deslocam na busca de suas origens étnicas locais e regionais, e também no legado histórico-cultural de sua ascendência comum. Incluem-se aí ainda aqueles que se deslocam com objetivos eminentemente antropológicos para conhecer in loco as características étnico-culturais daqueles povos que constituem o interesse de sua observação.

Para Rodríguez (1997), a dimensão cultural busca nas raízes endógenas, a diversidade e a pluralidade cultural, pela preservação do patrimônio, dos recursos culturais em respeito aos modelos autóctones. Através da capacidade de autogestão das comunidades locais, participando na tomada de decisões, procura sistemas alternativos de tecnologia e produção.

Praticado segundo essas diretrizes, valorizando as experiências comunitárias e a participação efetiva em todas as etapas da atividade, o turismo cultural que compartilha os princípios do etnodesenvolvimento, bem como os elementos básicos que impulsionam as comunidades quilombolas, é possível vislumbrar uma perspectiva potencial de um desenvolvimento holístico que proporcione, de fato, a melhoria desejada pelas comunidades tradicionais ao seu padrão de qualidade de vida (SILVA; CARVALHO, 2010; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Além disso, vale inferir que no processo de organização da atividade turística como alternativa de renda e melhoria da qualidade de vida de seus moradores e geradora de sustentabilidade, os aspectos que marcam os laços de reconhecimento cultural e

pertencimento da comunidade podem ser determinantes para o modelo de desenvolvimento que a comunidade deseja implantar e se corresponderá aos resultados e benefícios que almeja (SILVA; CARVALHO, 2010; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A população da pesquisa contemplou autóctones da Comunidade Negros do Riacho que aceitaram colaborar com seus conhecimentos e vivências no ambiente mencionado, de forma a permitir que fossem levantadas as informações históricas e da atual situação de moradia e das relações socioculturais.

Vale salientar que a natureza da presente pesquisa possuiu abordagem qualitativa. Dessa forma, esta tipologia de pesquisa, segundo Veal (2011), envolve a coleta de uma grande quantidade de informações, porém, sobre um pequeno número de pessoas. A informação coletada, geralmente, não é apresentada de forma numérica.

Para Strauss (2008), a pesquisa qualitativa pode se referir à investigação sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, também sobre o funcionamento organizacional e relacionado também a movimentos sociais.

Além disso, destaca-se que o delineamento da pesquisa se refere ao planejamento do estudo em sua dimensão ampla, envolvendo a previsão de análise e interpretação dos dados. Sendo assim, o delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados, também as formas de controle das variáveis envolvidas (GIL, 2008).

A pesquisa teve enfoque exploratório, que segundo Dencker (1998) busca aprimorar ideias e descobrir instituições. Caracteriza-se, também, por possuir um planejamento flexível, envolvendo, em geral, levantamento bibliográfico.

Segundo Severino (2007, p.123)

a pesquisa exploratória busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestações desse objeto (SEVERINO, 2007, p. 123).

Ou seja, busca-se um objeto de estudo para fundamentar-se em teorias que mostram a pertinência da pesquisa para a academia e comunidade local.

Para a coleta de dados foram utilizados dados secundários e primários, onde inicialmente foi realizada a técnica de pesquisa bibliográfica para obter conhecimentos e informações aprofundadas sobre a temática central. Outrossim, Gil (2009) afirma que este tipo de pesquisa é desenvolvido a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos, entretanto fundamentam o objeto de estudo.

Sobre isso, Dencker (1998) afirma, ainda, que tal pesquisa consiste em utilizar material já elaborado como livros e artigos científicos. Já Gil (2008) apresenta que sua principal vantagem reside no fato de permitir, ao pesquisar a cobertura de uma gama de fenômenos mais amplo, do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

O supracitado autor afirma, por conseguinte, que a “pesquisa documental se vale de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Dencker

(1998), por sua vez, afirma que as fontes documentais podem ser documentos de primeira mão conversados em arquivos de instituições públicas ou privadas.

Neste sentido, pode-se afirmar que a entrevista é uma forma de interação social. Sendo uma maneira de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados, no caso, o investigador, e a outra se apresenta como fonte de informação, possuindo, segundo Gil (2008), vantagens como: a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano, e os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação.

Para realizá-la, escolheu-se, então, como instrumento de pesquisa o formulário próprio de aplicação de entrevista, com perguntas abertas e com roteiro de perguntas previamente elaboradas pela autora e pelo orientador da presente pesquisa.

Sobre entrevista oral, destaca-se que a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Além disso, elas são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por ser produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar (CPDOC-FGV, 2015).

Da mesma forma, faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um

grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros (CPDOC-FGV, 2015).

Para análise e discussão dos resultados, foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), o qual consiste em uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos e tem como fundamento a teoria da representação social (FIGUEIREDO; CHIARI; GOULART, 2013). Outrossim, foi por meio desse procedimento que foram identificadas as opiniões/visões/memórias dos principais sujeitos da pesquisa de forma a determinar os resultados e discussões.

O caráter da pesquisa também foi descritivo. Sobre tal pesquisa Richardson (2009) infere que as enquetes são realizadas com o propósito de fazer afirmações para descrever aspectos de uma população, ou analisar a distribuição de determinadas características ou atributos.

A Análise SWOT, por sua vez, foi utilizada para identificar os pontos fortes e fracos de uma organização, assim como as oportunidades e ameaças das quais a mesma está exposta. Essa ferramenta é geralmente aplicada durante o planejamento estratégico promovendo uma análise do cenário interno e externo, com o objetivo de compilar tudo em uma matriz e, assim, facilitar a visualização das características que fazem parte da sigla (BASTOS, 2014).

O termo SWOT, de acordo com o autor supracitado, deriva das siglas inglesas, *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Opportunities* (oportunidades) e *Threats* (ameaças). Por fim, afirma-se que foi utilizada, como forma de complementar as informações necessárias para a interpretação dos resultados

de acordo com a realidade da Comunidade, o método da observação direta, individual e participante.

A observação direta ocorre quando há utilização de questionário ou formulário. Esses instrumentos permitem a coleta de dados mediante uma série de perguntas que devem ser respondidas sem a presença do entrevistador. Além disso, destaca-se que sua elaboração requer a observância de normas precisas a fim de que sua eficácia e a validade sejam mantidas. Exige também um pré-teste, ou seja, que o questionário seja testado antes de ser aplicado (CPS - CETEC, 2015).

A pesquisa em questão foi baseada na observação direta intensiva, pois utilizou o formulário de entrevista como instrumento de pesquisa. Assim, vale destacar que, segundo Lakatos e Marconi (2010), a observação direta intensiva é um tipo de observação que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

A observação foi participante, pois consistiu na participação real dos pesquisadores na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Onde se assumiu, pelo menos até certo ponto, papel de membros do grupo, ao ponto que se pode chegar ao conhecimento da vida de um grupo, a partir do interior dele mesmo. Cabe ressaltar, pois, que tal observação foi introduzida pelos antropólogos no estudo das chamadas “sociedades primitivas”, e pode ser de duas formas distintas: natural, quando o observador é parte do grupo que investiga; artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar a investigação. Ao ponto que, nos dois casos o pesquisador terá que ter cuidados e atenção para não tornar sua pesquisa tendenciosa (FIORENTINI; LORENZATO, 2006; GIL, 1989; LAKATOS; MARCONI, 2010).

Como vantagens desse tipo de observação, pode-se destacar que a participação facilitará o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos. Além disso, possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado, permitindo captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados (FIORENTINI; LORENZATO, 2006; GIL, 1989; LAKATOS; MARCONI, 2010).

5 ELES POR ELES: HISTÓRIA E REALIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA “NEGROS DO RIACHO”

No que concerne aos aspectos históricos e de realidade da Comunidade Quilombola “Negros do Riacho”, sob a ótica dos autóctones e considerando os aspectos do Discurso do Sujeito Coletivo, constatou-se que a Comunidade possui mais de cem anos, perpassando por muitas dificuldades econômicas e sociais. No passado, chegaram a comer xique-xique e casca de fava verde para acabar com a fome (FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019).

Segundo relatos dos agentes da pesquisa, em um período de três anos, existe um mandato para quem for eleito para Presidente da Associação Local, criada, por conseguinte, como uma forma/tentativa de organizar as questões gerais da Comunidade - em 2005. Além disso, afirmou-se que, no início de sua formação, os primeiros moradores se apropriaram da terra que atualmente pertence aos Quilombolas que ali vivem - fato

comprovado por documentação do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

No passado, todas as casas eram de barro, era difícil a obtenção de energia elétrica e, ao que concerne à água, grande era a distância para chegar até um riacho – aproximadamente 4 Km. Neste contexto, o Frei Fernandes surge com a construção das cinco primeiras casas de alvenaria em 2005 Já em relação à energia, fizeram um abaixo-assinado, através da organização da senhora Carmelita – já falecida (SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS *et al.*, 2018c; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

Como potencialidades turísticas a ser desenvolvidas na Comunidade, constatou-se, por meio das visitas de campo, observação e fala dos agentes da pesquisa, os seguintes elementos: paisagem de caatinga que atrai olhares de turistas, principalmente os que vêm de outras regiões do País; o Projeto “Mãos no barro” – desenvolvidos com as crianças da Comunidade, com confecção de panelas, jarros, potes (representada pela Figura 1) que são comercializados a quem interessar; Exposição fotográfica através do “Ponto de Memória”, realizado com crianças e adolescentes da localidade, os quais fotografaram pessoas, artesanato e realidades das vivências do local – mostrando, por exemplo, como era difícil a vida sem água representada por fotos de mulheres com potes d’água na cabeça, e outra mostrando a Caixa d’água que, hoje, a comunidade possui (representando a alegria e vitória que ela representa a todos os moradores); artesanatos vendidos pelas ceramistas em suas próprias casas quando da visitação de turistas e estudantes; Festividades em comemoração ao São João (Danças juninas, Forró e vendas de comidas típicas e do artesanato das artesãs locais) e ao Padroeiro São Benedito

(Festa e Leilão); apresentação do grupo escolar das crianças (com músicas que seus pais e avós ensinaram, a exemplo da chamada “Alecrim Dourado”); Bares modestos regados a muita música alegre; vendas de sorvetes; artesanato com pinturas, aprendidas através de oficinas em parceria com professor do IFRN da cidade; mercearias com vendas de alimentos e doces para crianças; plantações de coentro e alfaces em casas de moradores – a vender em casa e na feira da cidade de Currais Novos nas segundas-feiras (FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

Utilizando a Análise SWOT, considerando todos os aspectos supracitados, evidenciou-se que existiam, no ambiente interno, os seguintes pontos fortes: relevância histórica da Comunidade Quilombola; receptividade e hospitalidade associadas ao bem receber aos turistas; existência de atrativos culturais, históricos e naturais da localidade; o fato de se constituir em uma nova tendência de implementação da atividade turística. Já como pontos fracos destacam-se: desorganização dos autóctones enquanto Quilombolas e necessidade de implementação de acessibilidade local para deficientes físicos e de visão (FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019).

É relevante enfatizar, ainda, que os pontos fortes internos (forças) consistem em tudo que a localidade possui de qualidade positiva e que pode e deve ser utilizado para atrair maiores visitas, necessitando ser mantidos como forma de fidelizar a quem visita, e que o mesmo não tenha suas expectativas frustradas, seja porque visitou em outro momento e existia esta característica boa, quanto pelo boca-a-boca positivo de outros que estiveram no local. Já levando em consideração os aspectos considerados fracos, internos (fraquezas), vale ressaltar que



Figura 1 - Pote de Barro localizado na entrada da Comunidade Negros do Riacho.
Fonte: Alexandre Modesto (2017).

eles podem inviabilizar algumas práticas da atividade na comunidade em alguns momentos e que devem ser pensadas como alternativas de fidelizar os clientes enquanto turistas e visitantes (FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015; FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019).

Ao que se refere ao ambiente externo, destacam-se as seguintes pontos fortes (oportunidades): aumento do número de turísticas que valorizam o rústico e a cultura afro-brasileira; aumento do número de pessoas que tenham interesse em conhecer vivências de Comunidades Quilombolas; surgimento de interesse de Agências de Viagens e Turismo em levar, comercializar a Comunidade enquanto produto turístico; surgimento de roteiros locais, ou em nível de Estado do Rio Grande do Norte, que contemplem os “Negros do Riacho” como local de visitação turística. Em relação aos possíveis pontos negativos externos (ameaças), constataram-se os seguintes quesitos: podem surgir momentos de desvalorização do local como produto turístico; podem surgir outras Comunidades Quilombolas que ofereçam turística semelhante e fiquem mais próximas do local de residência dos turistas; a comunidade deixe de apoiar/aceitar a visitação turística; desinteresse do poder público em colaborar com implementação de atividades/eventos na Comunidade (FARIAS; COUTINHO; FERREIRA, 2019; FARIAS *et al.*, 2019; FARIAS *et al.*, 2018a; FARIAS *et al.*, 2018b; FARIAS *et al.*, 2018c; SOUSA; ALVES; FARIAS, 2015).

6 CONSIDERAÇÕES (NÃO FINAIS)

Diante de tudo que foi supracitado, pode-se inferir que o turismo é baseado na atração de pessoas para outro local específico, existindo, pois, um deslocamento, pelos mais variados motivos. Desta forma, destaca-se a relevância histórico-cultural da Comunidade Negros do Riacho, enquanto produto de um Turismo Étnico que deveria ser implementado como forma de atrair turistas e servir, além de divulgação das tradições e forma de viver de seus integrantes, como indutor de desenvolvimento da Comunidade, enquanto promotores de eventos, expositores de manifestações culturais, artesãos e artistas, bem como por promover vivências voltadas às novas experiências.

De forma generalizada, constatou-se que a comunidade evoluiu em termos de desenvolvimento humano, cultural e econômico, apesar de ainda prevalecer a renda advinda de aposentadorias e de Programas governamentais (hoje, Bolsa Família). Sendo fundamental, por conseguinte, que sejam planejadas ações de viabilização do Turismo Cultural na cidade de Currais Novos que possam estimular a realização do Turismo Étnico na Comunidade “Negros do Riacho”, a qual pode vir a ser considerado um produto turístico comercializável, embasado na preservação da memória individual e coletiva, da identidade de um povo e do espaço de convívio dos mesmos.

Podendo, ainda, beneficiar os autóctones, através da geração de emprego e renda, desenvolvimento local sustentável e fazer surgir uma maior valorização e resgate das tradições afro-brasileiras, fundamentalmente, ao que concerne às danças, formas de elaboração de artesanato, crenças e modo de viver enquanto remanescentes de Quilombolas.

Assim, é basal ressaltar que, para desenvolver o potencial turístico existente na localidade mencionada no trabalho, é preciso que algumas medidas sejam repensadas por parte das esferas Municipal e Estadual, pelas políticas privadas (Agências de Turismo e Agências de Viagens e Turismo, pousadas, restaurantes), pela Associação Comunitária existente e pelas pessoas que residem nela, com a intenção de beneficiar a quem visita e escolhe a Comunidade como destino turístico e, principalmente, a quem ali mora.

Conclui-se, portanto, que o local tem potencial turístico que ainda não é utilizado de forma esquematizada e que não é divulgada adequadamente com a intenção de minimizar/eliminar os estereótipos criados por alguns em relação à cultura, crenças e costumes de Comunidades Quilombolas.

Sendo a pesquisa, por conseguinte, indutora de novas pesquisas relacionadas a essa temática, abrangendo outras Comunidades da Região Seridó, do Estado do Rio Grande do Norte e, por que não?!, de outros Estados do Brasil, na busca por promover a implementação de um Turismo Comunitário de Base Local que gere benefícios e promova a participação efetiva de seus moradores em um planejamento participativo sustentável. Deseja-se, por fim, que os integrantes da Comunidade Negros do Riacho deixem de ser invisíveis e deixem de ser sujeitos, a fim de se tornarem sujeitos de sua própria história, sendo o turismo, então, um dos possibilitadores dessa necessidade de transformação de realidades, de histórias, de vidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1997.

ALMEIDA, F. **O bom negócio da sustentabilidade**. 2002. Disponível em: <http://www.fernandoalmeida.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2017.

AZEVEDO, J. Turismo cultural – traços distintivos e contribuição para o desenvolvimento endógeno. *In*: IRVING, M. A.; AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

BAHL, M. **Legados étnicos & oferta turística**. Curitiba: Juruá, 2004.

BARRETTO, M. O Imprescindível Aporte das Ciências Sociais para o Planejamento e a Compreensão do Turismo. *In*: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, Ano 9, n. 20, 2003.

BARTH, F. **Balinese Worlds**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

BASTOS, M. **Análise SWOT (Matriz) – Conceito e aplicação**. 2014. Disponível em: <http://www.portal-administracao.com/2014/01/analise-swt-conceito-e-aplicacao.html>. Acesso em: 20 dez. 2017.

BENI, M. **Análise estrutural do turismo**. 12. ed. atual. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

BRASIL. **Decreto nº 6.040 de 07/02/2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades tradicionais- PNPCT. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em: 20 dez. 2017.

CARDOZO, P. F. Considerações preliminares sobre turismo étnico. **Revista Pasos**, v. 4, n. 2, 2006. Disponível em: pasosonline.org/Publicados/4206/PS020206.pdf. Acesso em: 20 dez. 2017.

CARDOZO, P. F. **Possibilidades e limitações do turismo étnico: a presença árabe em Foz de Iguaçu**. 2004. 170 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2004.

CHAMBERS, E. **Native tours: the anthropology of travel and tourism**. Illinois: Waveland Press, 2000.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário: atores e cenários em mudança**. Coriolano. Fortaleza. EdUECE, 2009.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. **O Turismo e a relação sociedade- natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUECE, 2007.

CPDOC | FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea. **O que é história oral**. 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em: 20 dez. 2017.

CPS - CETEC. **Pesquisa**. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/adistancia/pesquisa/aula2.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.

DENCKER, A. F. M. **Pesquisa em turismo**: planejamento, métodos e técnicas. São Paulo: Futura, 1998.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 5. ed. São Paulo: Futura, 2001. p. 90-125.

FARIAS, M. F.; MARACAJÁ, K. F. B. Projeto de educação ambiental em escolas na cidade de Currais Novos (Rio Grande do Norte, Brasil) como facilitador na relação da educação ambiental e o turismo. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 104-123, abr. 2012.

FARIAS, M. F.; COUTINHO, A. C. A.; FERREIRA, L. V. F. Louças de barro como patrimônio cultural: um estudo na Comunidade Quilombola Negros do Riacho - Currais Novos/RN. **TURyDES - Revista de Investigación en Turismo y desarrollo local**, v. 12, p. 1-20, 2019.

FARIAS, M. F. *et al.* Patrimônio cultural e produção de louças de barro: A Comunidade Quilombola Negros do Riacho sob a ótica do Storytelling. *In: ANPTUR*. 2019. **Anais [...]**. Curitiba, 2019.

FARIAS, M. F. *et al.* Patrimônio cultural em comunidade quilombola: o caso das louças de barro dos Negros do Riacho/RN. *In: XV ENTBL - Encontro Nacional de Turismo com Base Local - Recife 2018: Anais*. Recife: UFPE. v. Único. p. 419-441, 2018a.

FARIAS, M. F. *et al.* Turismo de Base Comunitária e Turismo Cultural: Um estudo sobre a potencialidade turística da Comunidade Quilombola Negros do Riacho no interior do Estado do Rio Grande do Norte (NE, Brasil). *In: XV Seminário ANPTUR 2018*, 2018, São Paulo. Anais do XV Seminário ANPTUR 2018, 2018b.

FARIAS, M. F. *et al.* potencialidades turísticas na Comunidade Quilombola Negros do Riacho/RN: uma discussão sobre turismo étnico e de base comunitária. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL. 15., 2018. **Anais** [...]. Recife, 2018c. p. 473-493.

FIGUEIREDO, M. Z. A.; CHIARI, B. M.; GOULART, B. N. G. de. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualiquantitativa. **Distúrb Comum**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 129-136, abr. 2013.

FIorentini, D.; LOrenzato, S. **Investigação em Educação Matemática**: percursos teóricos e metodológicos. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FORTUNATO, R. A.; SILVA, L. S. **Os significados do turismo comunitário indígena sob a perspectiva do desenvolvimento local**: o caso da reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé (AM). Disponível em: http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano5-edicao2/artigo_6.pdf. Acesso em: 20 dez. 2017.

GIL, A. C. **Delineamento da Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1989.

GRABURN, N. H. H. The Evolution of Tourist Arts. **Annals of Tourism Research**, v. 11, p. 393-419, 1984.

GRÜNEWALD, R. A. Apresentando: Índios e Negros na Serra do Umã. *In*: BACELAR, J.; CAROSO, C. (org.). **Brasil: um País de Negros?** Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 1999a.

GRÜNEWALD, R. A. Etnogênese e 'Regime de Índio' na Serra do Umã. *In*: OLIVEIRA, J. P. (org.). **A Viagem da Volta**. Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999b.

GRÜNEWALD, R. A. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141-159, out. 2003.

HANNERZ, U. The Global Ecumene. *In*: CULTURAL COMPLEXITY. **Studies in the Social Organization of Meaning**. New York: Columbia University Press, 1992. p. 217-267.

IRVING, M. D. Reinventando a reflexão sobre o turismo de base comunitária: inovar é possível? *In*: BARTHOLO, R.; GRUBERSANSOLO, D.; BURSZTYN, I. **Turismo de Base Comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Nova Letra Gráfica e Editora, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEONY, A. Circuito do diamante: uma abordagem do ecoturismo na Bahia. *In*: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e Ambiente; Reflexões e Propostas**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MACEDO, H.A.M. Reflexões sobre a questão indígena no Seridó: entre a história e o patrimônio cultural. **Revista Espacialidades** [online]. v. 7, n. 1, 2014.

MODESTO, A. **Pote de Barro localizado na entrada da Comunidade Negros do Riacho**. Currais Novos/RN, 2017.

OLIVEIRA, H. R.; RICCO, A. S. Turismo e desenvolvimento sustentável de base local: um estudo de caso na comunidade da Ilha das Caieiras. **Destarte**, v. 3, n. 1. 2013. Disponível em: <http://revistas.es.estacio.br/index.php/destarte/article/view/146/151>. Acesso em: 20 dez. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Turismo Internacional uma perspectiva global**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

QUEIROZ, M. M. A. **Turismo de raízes na Bahia**: Um estudo sobre a dinâmica do Turismo Étnico (Afro) na Bahia: os casos do Pelourinho / Salvador e da Festa da Boa Morte / Cachoeira. 2008. Disponível em: http://afro-latinos.palmares.gov.br/_temp/sites/000/6/pdf/Dissertacao_Turismo_de_Raizes_na_Bahia_Mercia_Queiroz.pdf. Acesso em: 20 dez. 2017.

REIS, A. C. F. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. Barueri, SP: Manole, 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ROCHA, J. G. De preto a afrodescendente: implicações terminológicas. **Almanaque CIEFIL** - Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Rio de Janeiro, v. XIV, p. 899-907, 2010.

RODRIGUÉZ, J. M. M. Desenvolvimento Sustentável: níveis conceituais e modelos. *In*: CAVALCANTI, A. P. B. (org.). **Desenvolvimento Sustentável e planejamento: bases teóricas e conceituais**. Fortaleza: UFC- Imprensa Universitária, 1997.

ROOSENS, E. E. **Creating Ethnicity: The Process of Ethnogenesis**. London: Sage Publications, 1989.

SACHS, I. Experiências internacionais de um cientista inquieto. **Revista - Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 1-20, dez. 2004.

SANTANA TALAVERA, A. Turismo cultural, culturas turísticas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 31-58, 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. T. **O riacho e as eras: Memórias, identidade e território em uma comunidade rural negra no Seridó Potiguar**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SILVA, R. E.; CARVALHO, K. D. Turismo Étnico em comunidades quilombolas: perspectiva para o etnodesenvolvimento em Filipa (Maranhão, Brasil). **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 3, n. 2, p. 203-219, out. 2010. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/turismo/article/view/19631/12828>. Acesso em: 20 dez. 2017.

SMITH, V. **Anfitriões e convidados: antropologia del turismo**. Madrid: Endymion, 1989.

SOUSA, R. L. A. S.; ALVES, J. C.; FARIAS, M. F. Em busca de um lugar diferente: usos e possibilidades da do turismo étnico na comunidade Negros do Riacho em Currais Novos (RN). **Revista Querubim**, v. E, p. 86-102, 2015.

STRAUSS, A. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TENÓRIO, F. G. (org.). **Cidadania e Desenvolvimento Local**. Rio de Janeiro: FGV; Ijuí: Ed. Ijuí, 2007.

VEAL, A.K. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

SALGADO, H. C.; SANTOS, R. J. **Turismo étnico em comunidades tradicionais quilombolas: espaços de existência, desinvisibilização e o fetiche das identidades no tempo das novas economias**. 2012. Disponível em: <http://www.congressods.com.br/terceiro/index.php/a-economia-social-e-solidaria-para-que-desenvolvimento/159-turismo-etnico-em-comunidades-tradicionais-quilombolas-espacos-de-existencia-desinvisibilizacao-e-o-fetiche-das-identifades-no-tempo-das-novas-economias->. Acesso em: 20 dez. 2017.

ZAOUAL, H. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.